



Affonso XIII rei de Hespanha

PROPRIETARIO

Joaquim Antonio Pereira Villela

DIRECTOR

Dr. Francisco de Souza Gomes Velloso.

ADMINISTRADOR E EDITOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia

83, R. dos Martyres da Republica, 91

BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias — Um anno 3\$000

Semestre 1\$500. Trimestre 750, rs.

Na cobrança feita pelo correio ou pelo entregado accresce o importe das despesas

Extrangeiro—Um anno, 3\$600.

Numero avulso, 80 reis

Monte-Pio do Clero Secular Portuguez

Successor da Veneravel Irmandade
dos Clerigos Pobres de Lisboa

O clérigo d'ordens sacras, que desejar allistar-se n'ete Monte Pio, deve enviar ao Rev. Padre Alfredo Elviro dos Santos morador na Avenida Fontes Pereira de Mello, 41, Lisboa, os seguintes documentos:

- 1.º Certidão d'idade, devidamente reconhecida por notario.
- 2.º Dois attestados, ou declarações medicas juradas e reconhecidas por notario, em como não soffre de molestia actual, ou habitual (pallavras textuaes).
- 3.º Attestado, ou declaração jurada, do secretario da Camara Ecclesiastica respectiva, ou do Vigario da Vara, Arcipreste, ou Ouvidor, em como está no legitimo exercicio das suas ordens, exerce o cargo de... e não está incurso em processo algum ecclesiastico ou civil.

Os documentos podem ser em papel commum

Se o clérigo residir na Archidiocese de Braga, principalmente no concelho de Braga, deve dirigir-se ao Rev. Padre Arnaldo Carlos Lamas d'Oliveira residente na rua de 5 de Outubro, n.º 80 em Braga, ou ao Rev. Padre Leonel Aragão Dantas de Sousa, morador em Laranjeira, Monção, se residir no concelho de Monção; ao Rev. Padre Domingos Afonso do Paço, capellão da Misericordia de Vianna do Castello, se residir no concelho de Vianna do Castello; ao Rev. Padre Manuel de Costa Freitas Reis, se residir no concelho de Famalhão; ou ao Rev. Padre José Antonio de Campos Junior, parochy de S. Vicente de Aljubarrota, se residir no concelho de Alcega.

Os reverendos Ievs. Padres são socios correspondentes do Monte-Pio; prestam todos os esclarecimentos, facilitam as admissoes, recebem as quotas, pagam subsidios, etc.

Este concede subsidio na doença, suspensão e falta de collocação; paga visitas medicas aos socios residentes em Lisboa e nas terras em que residirem 20 socios; dá 10 escudos para operações chirurgicas, ou conferencias medicas e 10 escudos para auxilio das despesas com processos ecclesiasticos ou civis; todos podem celebrar na capella do jazigo sito na rua numero 5, do cemiterio do Alto de S. João; faculta a livreria aos socios, que a desejarem consultar; tem direito a comprar para si e para as suas familias medicamentos melhores e com abatimento de 20 p. c. nas pharmacias mutualistas de Lisboa; todos têm direito a ser sepultados ou depositados no referido jazigo, etc.

Concede o subsidio de vinte e cinco escudos e mortalha para o funeral dos socios residentes em Lisboa, e o de vinte escudos para o funeral dos socios residentes fóra de Lisboa.



Estampas

para a enthronização do S. Coração de Jesus.
pressas finamente a duas côres. Cada exemplar, 60 réis
Pelo correio, 65 rs.

Pedidos á administração dos «ECHO DO MINHO»
BRAGA

Collegio de S. Thomaz d'Aquino

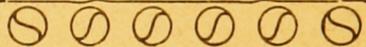
BRAGA

Fundado em 1686

DIRECTOR

Padre Manoel Joaquim Peixoto Braga

Admitte alumnos internos, externos
para o curso dos Lyceus, Commercial e
Instrucção Primaria.



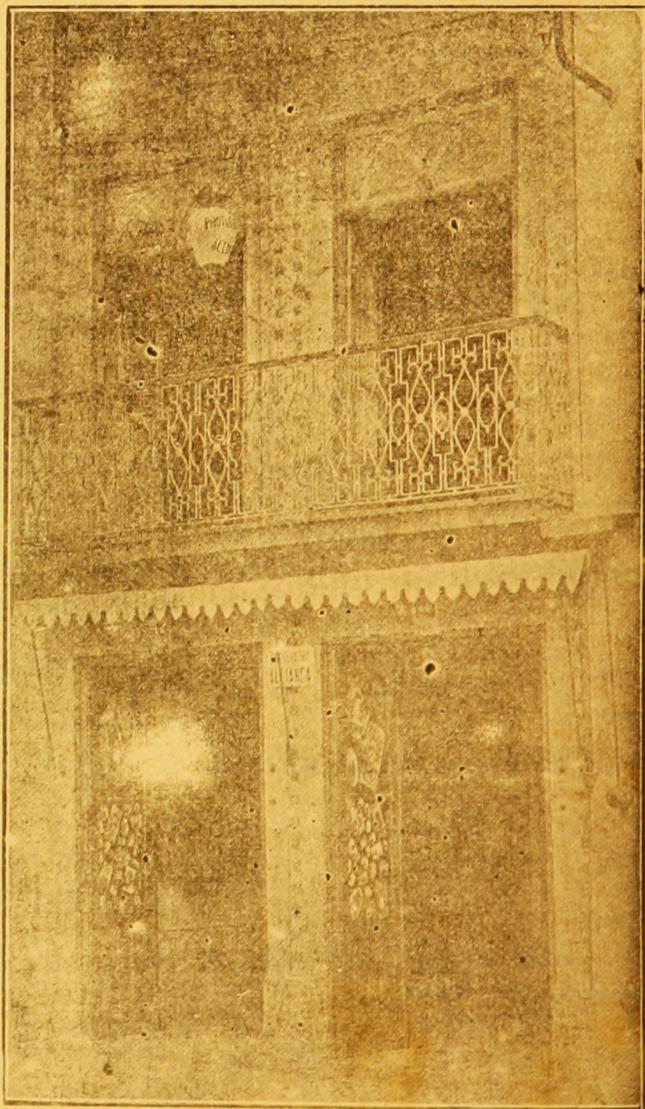
FRIGIDEIRAS E RESTAURANTE

Casa do Cantinho



Largo de S. João do Souto
BRAGA

Estabelecimento mais antigo
e acreditado n'este genero



PHOTOGRAPHIA ALLIANÇA

44, Praça Alexandre Herculano, 45

BRAGA

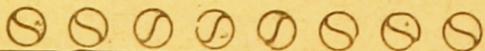




ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

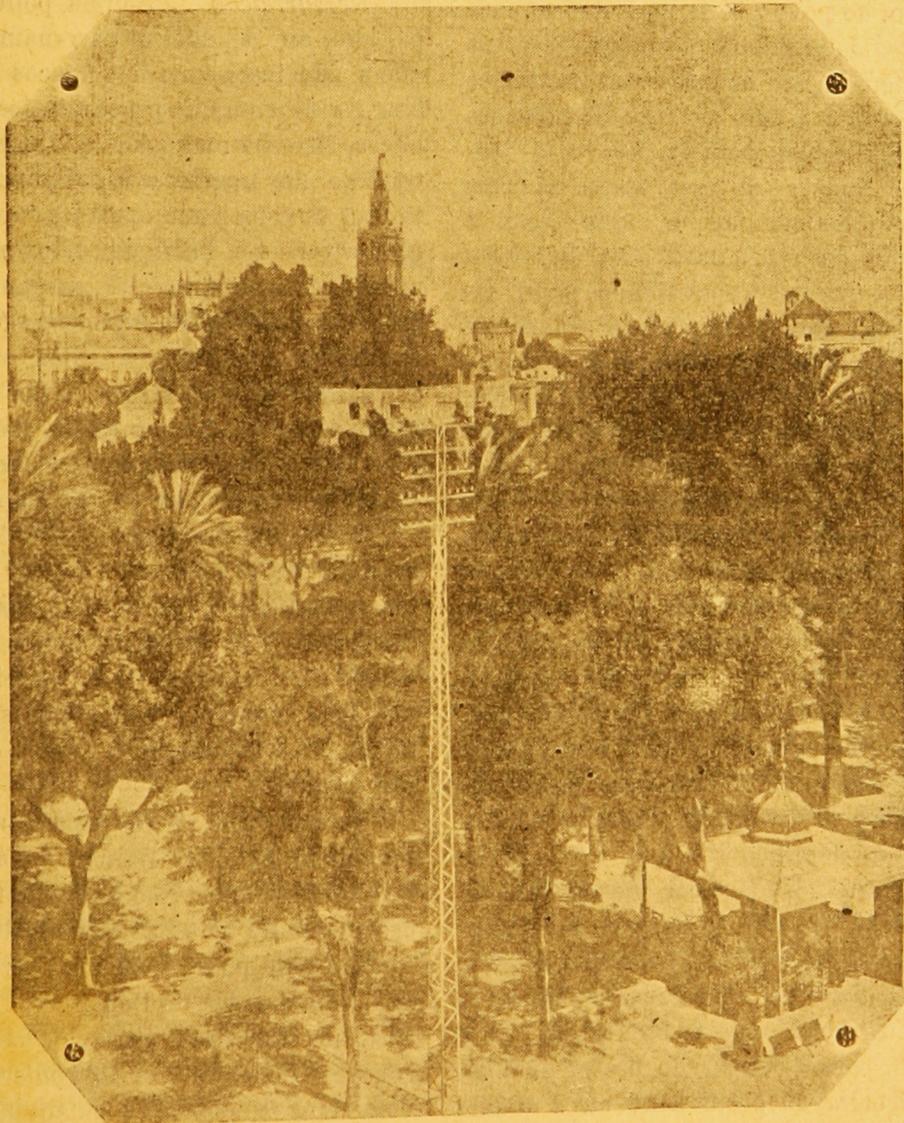
Proprietario, Joaquim A. Perelra Villela. Director, Dr. F. de Souza Gomas Vallos

EDITOR E ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 6 de Abril de 1918

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
Não se restitrem os originaes

Numero 249—Anno V



HESPAÑA — Vista panoramica da cidade de Sevilha, onde se festeja a Semana Santa com grande luzimento

CHRONICA DA SEMANA

Resurreição



REVIVADO sob a sua Cruz, o mundo em sangue e em luto, para a Cruz olhou mais uma vez. Na sua noite, ao clarão dos odios chammejantes, elle viu de novo recordar-se o perfil, de Jesus crucificado, e viu de novo a sua face voltar-se para o céo, os seus labios moverem-se, a arca do peito soerguer-se n'um supremo alento, e resoarem na amplidão as suplicantes palavras do Calvario: *Pae, perdoae-lhes, porque não sabem o que fazem!* depois a amargura immensa do *Ell, Eli !...* e finalmente o grande grito de um Deus que morre.

Em seguida «toda a terra se cobriu de trevas... e obscureceu-se o sol.»

Mais uma Semana Santa de guerra! Vi o povo aglomerar-se nas Egreja e nunca talvez como durante estes dias, a aza escura da Dôr bateu pelas naves dos templos um sôpro tão gelado, e nunca talvez como durante estes dias a imagem do Christo cresceu tanto e os seus braços se abriram mais amplos e o seu rosto afigurou pungido sobre os crépes dos altares! Foi precisamente essa massa enorme de povo, do povo que fornece nomes para o *quadro d'honra* da secretaria da guerra (e o ultimo era tão extenso) para as listas mortuarias dos hospitaes de pestiferos e para os registos policiaes dos anonymos que cahem de noite nas ruas desfallecidos por ter fome, — foi essa massa enorme de povo apinhado nos templos, a cujas caras o clarão vasquejante dos cirios dava uma expressão dura de tragedia, que me impressionou mais. Os dias eram sem sol, chovia a espaços, a cidade de portas cerradas, oferecia um ambiente de recolhimento, como jamais presenciei sob a republica, e que o estadeamento das *toilettes* de rico luto *snob* não conseguiu quebrar ou ridicularisar sequer. Pareceu-me bem que esta Pascoa não é a das confeitarias, a das exterioridades fátuas, a das dôres postiças, a Páscoa posta ao vize, a Páscoa que serviu de acicate ás exaggeradas e bombasticas rimas accusadoras do Junqueiro, e do Gomes Leal de outros tempos! Não... Os tempos são outros, a dôr resente-se. O mundanismo foi ferido por ella, como o povo, n'uma egualdade que é bem aquella que nos ensina a não dobrar as nossas almas senão deante da Justiça divina, que raza á mesma altura o povo e os dominadores que a cólera do Eterno deixa passar sobre a terra, e que fazendo revocar do coração humano as máguas mais profundas, elevou-o a um espiritalismo que é a florescencia consoladora de todas ellas e aplanar e destroe os sáfaros brejos onde á farta ainda tenta desenroscar-se, para os salões do prazer infame, a serpente traiçoeira do positivismo atroz d'uma sociedade que as provações da guerra vieram acordar da opiante lubricidade dos seus festins!

E' sobre este espectáculo que abre o dia insólado da Resurreição trepidante dos campanarios. Para tudo sêr novo, porém, até a Alleluia da terra é uma interrogação agora, para nós, e só a promessa religiosa do resurgir das almas fica com unica certeza a que o homem se abrace!

N'este paiz a que a mão de Deus riscou fronteiras, a oração é hoje a transfusão das aspirações da raça nas aspirações da fé! Dizia-me ha dias um padre que tem percorrido as provincias missionando e as conheceu ha vinte annos, que nunca se resou tanto em Portugal. Acredito-o. Todos e em todas as classes, presentem que os seus destinos estão na balança dos tempos que vão chegar e mirando em derredor o arrazado campo das esperanças, se voltam instinctivamente para Deus!

Resurreição! Quem a dera á pátria senão a fé, apoz as tyrannias de dentro e as opressões estrangeiras? Repetir-se-ha o milagre? Só de nós depende que Deus assim o ordene, por novo compadecimento para os nossos desatinos, para as nossas ingénuas tolices, para os os nossos crimes.

Resurreição... Não ha politicante chefe de partido ou deputados parranamente beldroegas que a não inscrevam nos frascos dos elixires de longa vida com que procuram iscar adhesões publicas. Não ha mercador que a não apregõe no tráfego dos negocios. E até por ahi nos azoainaram os ouvidos com a palavra no *signal do resurgir* dos versos da *Portugueza*, em notas vibradas por cornetins de philarmonica, garganteadas em gritarias de *manifestações imponentes* ou de meninos, de escolas ha poucos desmamados, sob a regencia de professores primarios com fome ou de méstras-régias terriveis... Já o Fialho contava os efeitos diarrheicos do *Portugueses é chegado* em Evora no tempo do Valládas e de monsenhor Nunes!

Agora mesmo, abriu o paiz largo crédito ao sr. Sidonio Paes para elle lhe dar novinha em folha uma resurreição republicana, e ha sete annos que os realistas aguardam o arraiar outra de manto e corôa, por entre o nevoeiro..., de Londres.

Veja o povo, porém, que sombra de varas tortas não se endireitam nunca, conforme reza o seu dictado.

Resurreição! O céo está purissimo, um sol magnifico, os sinos retinem, e a primavera desbotôa e reverdéce. Não ha melhor scenario para o casamento da natureza com as almas, e todos sonharmos em pouco com um paiz melhor, feito por nós, com a graça de Deus, vez de, como dizia o Eça, nos estarmos nutrindo nascravelmente dos sobejos—democraticos do *boulevard*, requentados e servidos em chalaça e galantine. Em bonapartismo consular restricto, e guerra, emendo eu!

F. V.

Vida Intensa

POR J. DE FARIA MACHADO.

Mulheres

DARLING! Não, não lhe farei a vontade, que extranho encargo me commette?!
Rever as suas memorias? E para quê! Accaso na sua vida ha alguma coisa que interesse e prenda além de si propria. O seu encanto está precisamente na sua simplicidade. A sua vida commove porque é correntia e facil, porque não tem uma historia, porque não tem uma tragedia. E que a tivesse?! que teremos nós afinal com as tragedias, com as historias dos outros. Bem sei, todos nos supponmos originaes, curiosos, com ramas de romance, nas malhas faceis da nossa vida, com arte, com requintes, nas nossas predilecções. Mas essa arte, esse requinte, essa originalidade, sómente aos nossos olhos tem valor, sómente nos interessa, só a nós proprios nos pôde commover. O que ha nas suas memorias que possa ligar uma epocha, esclarecer uma alma, fixar um typo moral? Esclarecer-se a si propria, dirá. Mas para quê? Se ninguem a julga complicada, rara, incomprehensivel, se não ha bruma na sua alma, se os seus olhos—e bem lindos olhos afinal— são o claro espelho onde a sua personalidade se reflecte, se não ha um capricho que não seja bem feminino, se a sua psychologia, os seus habitos e até os seus gostos, são bem de mulheres, de todas as mulheres, que extranha vaidade a cega ao ponto de se não vêr ou peor, de se vêr como um enyigma, de se considerar como um mysterio? A sua vida tem sido horrorosa, gritam todas as paginas do seu caderno, nervosas, irritadas, como a sua letra nervosa e irregular. Mas porque? Sim, porque Darling?

Porque a preparou assim, porque a sua vaidade a emballou n'um sonho que só por ella tem ficção, porque se deixou arrastar por uma duvida, que só n'ella tem realidade. Rica, feliz, adulada, fez da sua vida um martyrio. E queixa-se d'ella— queixe-se de si propria. Porque não se dedicou a alguma coisa, a alguém. Porque não soube crear um lar, porque não arranjou deveres, porque não se entregou a um sonho e por esse e para esse sómente viveu. Quando soffreu desesperou, porque se não encontrou a si propria para se confortar. Porque deixou vazia a sua alma sem saber accender-lhe o brazeiro d'uma dedicação, a chamma viva d'uma fé; porque não soube querer, porque não sabe rezar. Para que deixou, que os seus

labios, a sua alma, esquecessem as modulações piedosas d'aquellas unguidas rezas, que ouviu no berço da bocca amiga de sua mãe? Porque não a lembra quando soffre, porque não a evoca quando tem de chorar. A vida é cheia de contratempos, de pezares,—é a vida! Pois bem, n'uma hora de desanimo ou de afflicção não se entregue a desesperos theatraes, muito serenamente ajoelhe sob essa linda mancha de Murillo, que não é sómente um *bricàbrac* raro, mas uma imagem, um symbolo de divindade, que alli está no seu quarto não como um *bibelot* mas como um amparo, um guarda, um refugio, erga as mãos, ponha a alma nas mãos e reze, suplique, como souber, e verá de repente a sua vida tocada d'um suave e mysterioso auxilio d'um conforto que a commoverá até ás lagrimas. Depois instrua-se aprenda a rezar, inicie-se nas regras d'essa religião e verá como breve se dissipará o vasio da sua alma, vasia porque é inutil, porque não tem deveres. Não basta crêr em Deus é preciso amá-lo na sua doutrina, adorá-lo nas suas leis, honrá-lo nos seus dictames, querer-lhe, obedecer-lhe.

A maior parte das mulheres sofre porque não sabe rezar; perde-se porque não sabe crêr. Uma alma sem fé é como um astro sem luz, uma coisa fria apagada inutil... o seu martyrio está na sua incredulidade, a sua tortura na sua ignorancia.

Irritada, desesperada andou á procura d'um attractivo, d'um fim. Tentou a pintura e bocejou; emaranhou-se na trama subtil das rendas e desesperou como desespera lendo e viajando, nos muzeus, nos concertos ou nos passeios, porque tudo isso, bello e magnifico pôde entreter n'um deslumbramento a vista mas não lhe encherá a alma; pôde distrahi-lá mas não a saberá confortar.

A sua alma precisa d'um arrimo que só a religião lhe poderá dar, precisa de conforto que só na reza encontrará, precisa encher-se d'uma fé viva que lhe accenda enthusiasmos, que a fortifique. Aprenda a rezar e será feliz. Então sim escreva as suas memorias porque ellas já terão encanto, interessarão os outros— todos os cegos, todos os inuteis como você, que por ellas poderão vêr como a luz da crença illumina e ampara as almas. as torna uteis, proveitosas, as remette á sua verdadeira missão.

Então sim, Darling, com prazer e admiração, reverei as suas memorias. Então sim...

SERÕES AMENOS

DE FREY GIL DA SOLEDADE,
EGRESSO DA FALPERRA.

XXVIII

Supplicio do bacalhau

FOI-SE a quaresma, passaram as solemnidades da Semana Santa, descobriram-se as imagens, voltaram a tocar os sinos, engalanaram-se igrejas e casas, sorriram, quanto as tragedias da hora presente o permitem, todos os rostos, Dantes, com a queima do Judas, que ainda se faz porque Judas não faltam. era uso julgar, suppliciar e enterrar o bacalhau—ceremonias que hoje se não fazem, porque se ha muito Judas rico, não ha muito bacalhau para os pobres.

Ha precisamente cem annos, em 1818, publicava-se em Lisboa uma revistinha mensal de chalaça com este titulo: RODA DA FORTUNA, onde gira toda a qualidade de gente bem ou mal segura, por José Daniel Rodrigues da Costa. Lisboa 1818, com licença da mesa do Desembargo do Paço.

Já nêstes serões nos referimos de passagem a esta obrinha. Opportuna ocasião temos agora de seroar com ella algumas noites, o que, se outro proveito não der, fará ver como seroavam ha um seculo nossos frisa-vós.

E que curiosas analogias entre o nosso tempo e aquelle! Não percâmos tempo a recordar a conflagração europeia que tambem ha cem annos e pouco terminara na planicie de Waterloo. Oiqamos, a respeito do que se notava nêste cantinho da Europa, o bom humor do pobre José Daniel, ao pôr em movimento a Roda:

Principiemos a nova divertida Obra da Roda da Fortuna em que todos girão, andando, e desandando, huns com mais, [outros com menos, huns com tudo, outros sem nada. Hê certo que sempre o Mundo teve consigo huma desigualdade; mas nunca esta fez tanta impressão, como agora principalmente depois que as cabeças dos homens se pizeram tão desordenadas como o tempo, em que já se não conhecem as Estações, senão pelos frutos; e nas cabeças dos homens tudo são invernações e tormentas, com que fazem dar á costa huns aos outros em hum mar de vexames, ruias e miserias.

Ora como nos momentos da minha melancolia sempre por fim soui accommettido de algumas somnolencias, huma noite destas, que estava no meu leito, esperando que Morpheu me viesse dar as boas noites, para ambos nos accommodarmos, como me puz a discurrer no mundo e he cousa bem celebre ser eu de dia tão alegre, e de noite tão triste!

—Mas tornando ao fio da minha melancolia: eu que estava, como já disse, analizando o avêssio d'este Mundo, que conheci mais direito do que elle agora está, (1) entrei a lembrar-me . . . porque tudo me persegue, tudo se me entorcia, não consigo nada do que pretendo, e até não só me não fazem beneficios, mas nem me dão o que me pertence; e isto certamente vai de eu nascer em proza, e pôr-me a viver em verso.

Estava eu pois de olhos abertos no alto silencio da noite botando contas ao pouco, que tenho, e ao muito, de que necessito, notando aquelles, que chegam a tudo tendo ainda menos do que eu; e por mais voltas que dava ao pensamento, para entender a magica,

de que elles usãa, não me foi possível o descobrilla e querendo attribuir a virtude aquelles famosos engenhos, de toda a forma, que diacorra, só achava que por meio de calotes, e estratagemas he que se podia fazer o que se faz hoje em dia. n'hum tempo, em que se difficulta o numerario, cresce o luxo e penão tantos miseráveis.

Nisto, repara o bom José Daniel que ia começar a obra sem prologo—o que é o mesmo que *casaca sem mangas, panella sem sal*, etc.—e passa ao prologo. Nós pausamos aqui a meditar com quanta razão foi notado ha seculos que ninguem se contenta com a sua sorte. Queixa-se José Daniel do seu tempo;—é certo que tinha havido, cá e na Europa, umas zaragatazitas, a que chamaram guerra Peninsular, bloqueio continental e guerras napoleonicas. Mas que era aquillo comparado a esta «fraternidade» por toda a terra, por baixo della nas trincheiras, por cima nos ares, ao longe por cima e por baixo dos mares? Naquelle tempo a perversa humanidade ainda só conseguia matar a poucos centos de metros de distancia. O canhão troava em Waterloo e não se ouvia em Bruxellas. Hoje, chovem bombas do ceu; o vento transporta nuvens de gazes que matam, e quando menos se espera surge um novo canhão e apregõa tão bem o *odiai-vos uns aos outros do avêssio do Mundo* para José Daniel então já tôrto, que vai matar innocentes a cento e vinte kilometros, dentro da Igreja onde se ensina o *Amai-vos uns aos outros!*

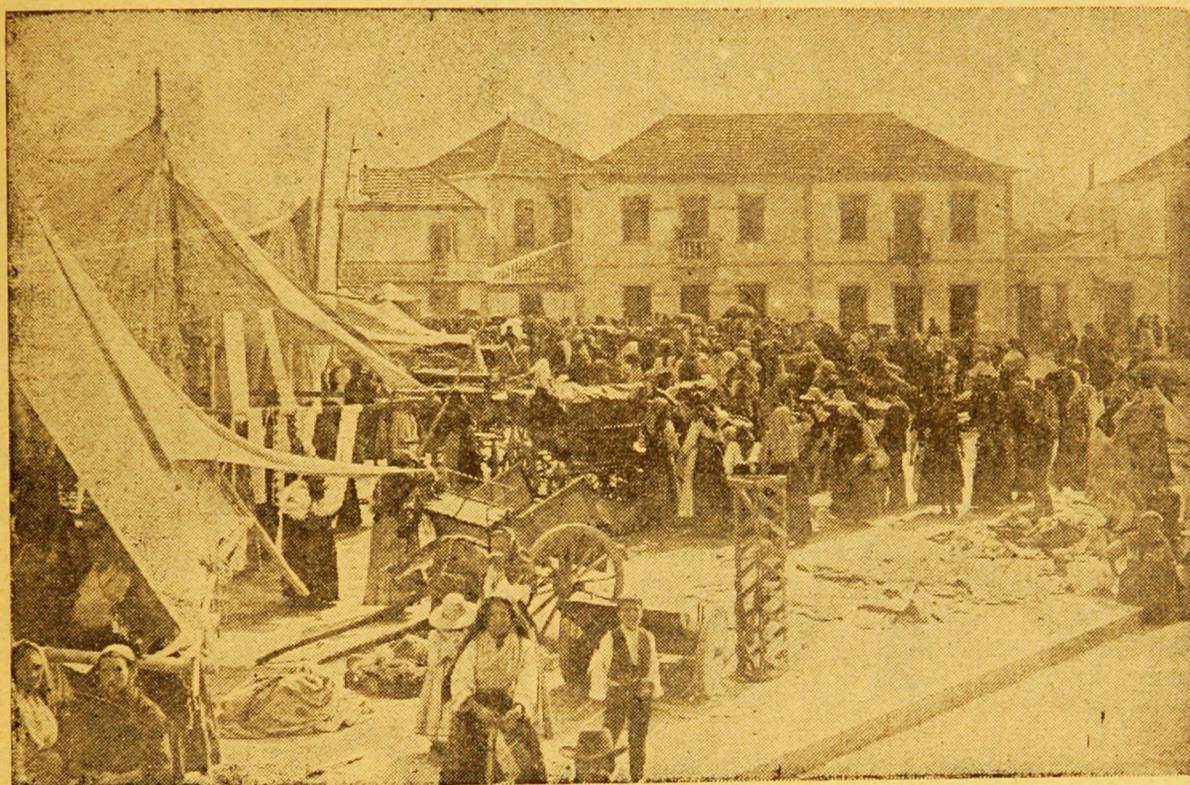
José Daniel, no seu tempo, era um felizardo. Comia pão de farinha; bebia agua muito mais aproximada do promettido H²O da chimica; comia carne, bacalhau, batatas, e outras coisas quasi mythologicas hoje em Lisboa. E não estava ainda onerado com a sobrecarga de salvar a nação com o seu voto, ou a burra do Silva Graça, do *Seculo*, com os *coupons*, os *bichos*, o *seguro* e outros «*estratagemas*» que sempre acodem quando «*s'è difficulta o numerario* . . .» e quando sahia de sua casa levando no bolso meia duzia d'aquelles patações do seu tempo, de que estou agora mesmo contemplando um exemplar, sentia-os, ouvia-os flintar nos amplos bolsos do jaquetão, supportava-lhes o dôce peso. . . E nós agora, saindo de casa com o ordenado de quinze dias para comprar umas botas, levamos no bolso papeis pintados: que se não ouvem, nem sentem, dando-nos a impressão de que não levamos nada . . .

Mas não divaguemos mais. Deus te haja recompensado, no outro mundo, das faltas que sentiste nêste, que com louvavel afinco desejavas reendireitar com os teus papeis, com o *Almocreve das Pêtas*, a *Roda da Fortuna*, os *Enjeitados da Fortuna*, o *Hospital do mundo* e tantos outros.

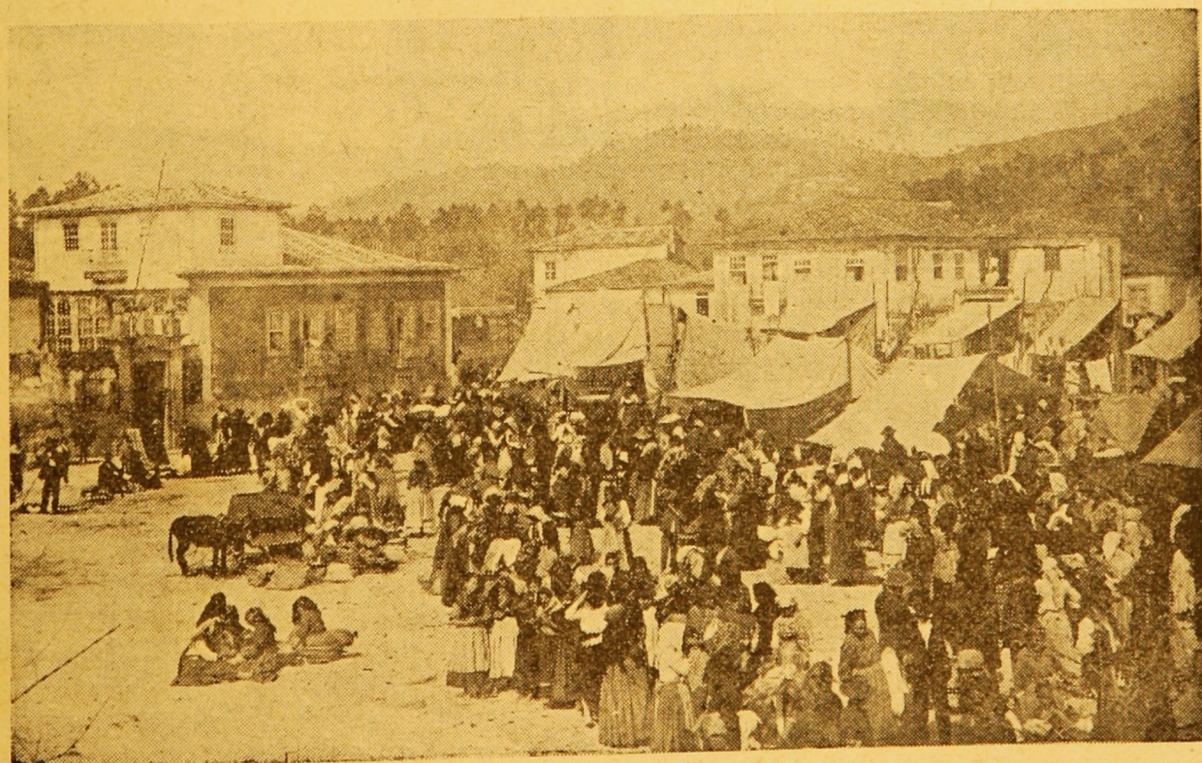
E o *Supplicio do bacalhau*? Lê-lo-emos, no proximo serão, no folheto III da Roda . . .

(1) Ai, José Daniel, José Daniel!

Inauguração d'uma feira em Amares



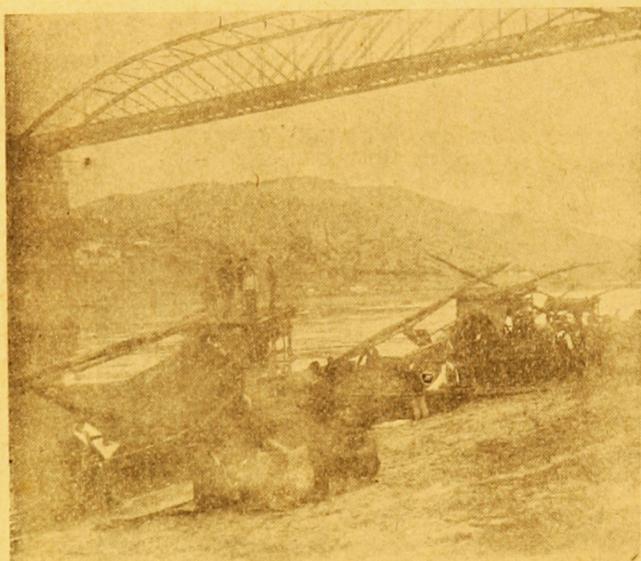
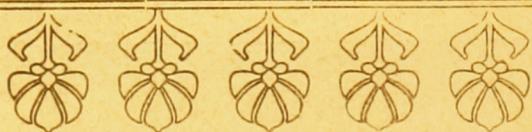
Amores—Um aspecto da feira quinzenal no dia da sua inauguração



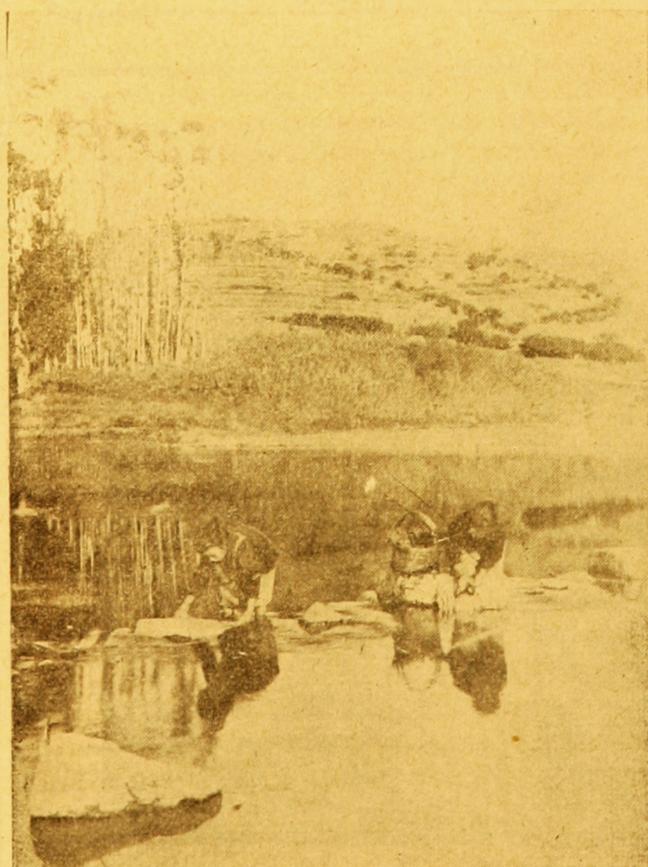
Outro aspecto da feira



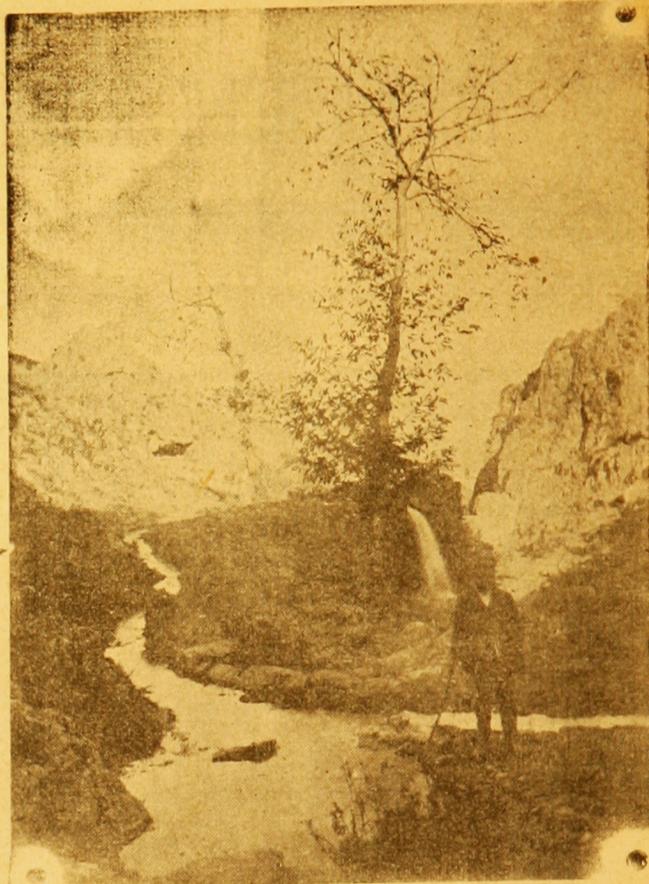
A ARTE PHOTOGRAPHICA



REGUA — Barcos no Douro



REGUA — O Corgo suave



PENAJÓIA — Ao entardecer (recinto do castello)

Phot. Miguel Monteiro.

Amigas



— Quem será aquelle homem tão feio?
— Oh! E' o meu irmão!
— Desculpo, filha. Eu devia tê-lo adivinhado pelas pare-
cenças contigo . . .

Grandes personalidades da Guerra Europeia



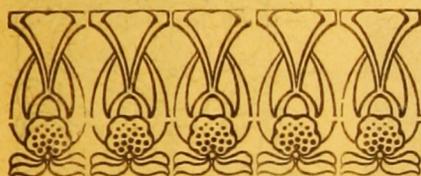
General Foch, que foi derrotado pelos aliados, commandante em chefe dos exercitos que sustem a offensiva allemã na França.



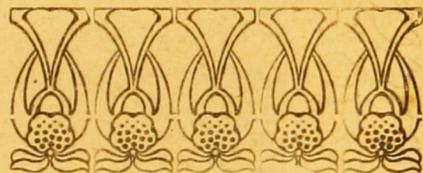
Marechal Douglas Haig, antigo commandante em chefe das forças britannicas na França



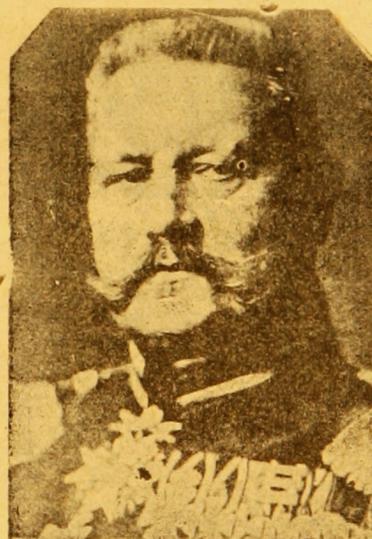
General Pershing, commandante das forças norte-americanas que combatem na França



Guilherme II da Alemanha (Um dos mais recentes retratos)



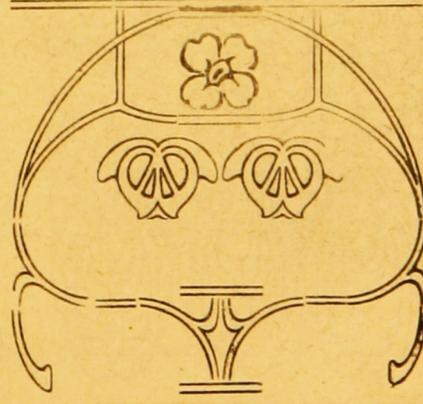
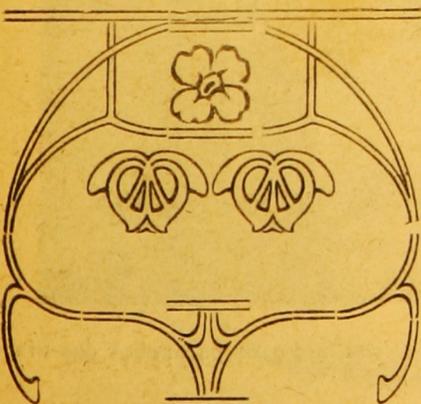
O Kronprinz Guilherme, comandante das forças allemãs que atacam as linhas do Somme



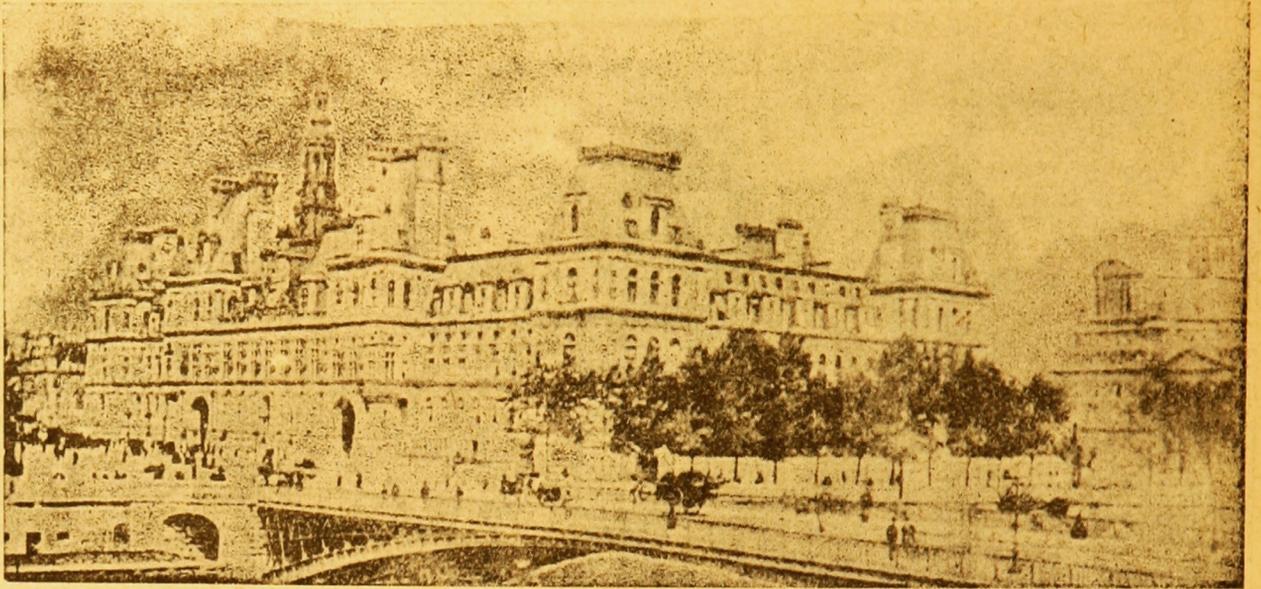
General Hindenburg que se encontra junto do quartel do Kaiser em S. Quentin



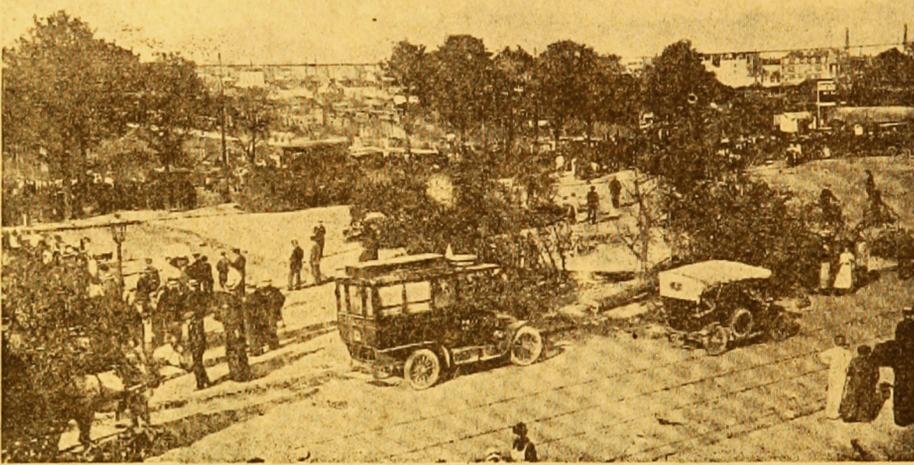
Principe Augusto Guilherme, quarto filho do Kaiser, prefeito de Potsdam que segundo consta, será nomeado vice-rei da Lituania ou da Curlandia



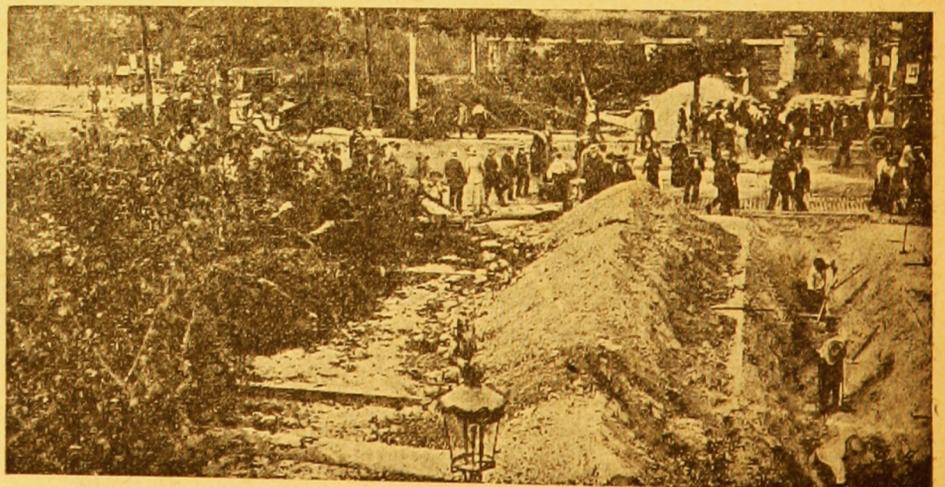
Paris debaixo do bombardeamento do 420



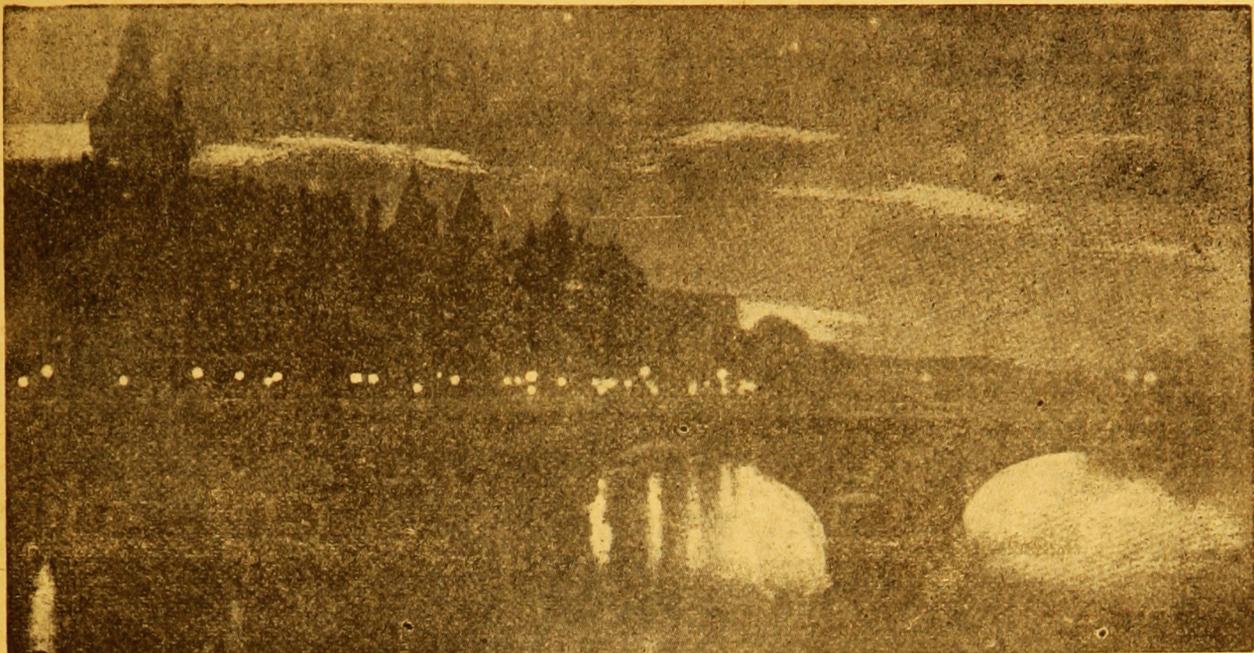
O grande edificio do *Hotel de Ville* de Paris



Em 1914.—A Porta Vincennes, situada na primeira linha do campo intrincheirado de Paris. Os engenheiros militares construindo trincheiras quando em outubro daquelle anno se julgou que os allemães atacariam aquella capital



Abrindo trincheiras e cortando arvores para com ellas occultarem os parapeitos das trincheiras daquelle fortaleza



Paris ao anoitecer

(De La Esphera).



O MAPA DA LINHA OCCIDENTAL

O círculo negro indica o lugar onde estão os canhões que bombardeiam Paris. A seta maior o local da grande batalha; a linha preta indica o avanço alemão; a pontilhada o local onde estavam quando começou a offensiva, a seta no cimo, o local onde está o sector portuguez

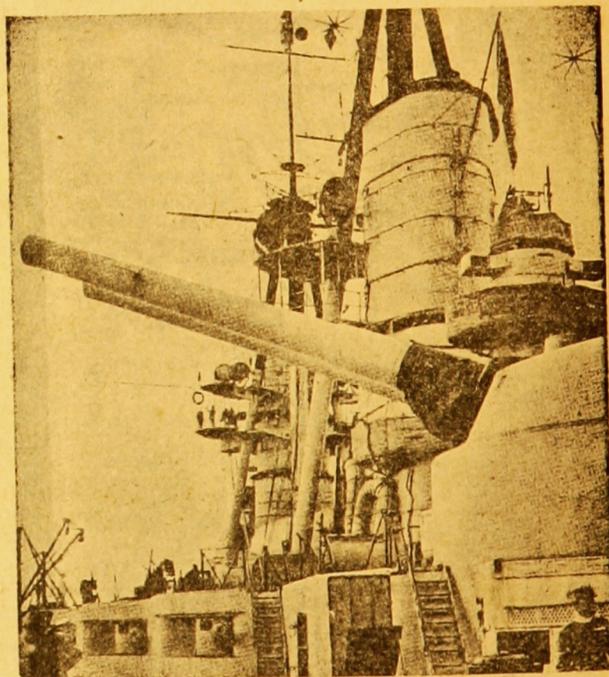


O general Cadorna e Porro visitando o sector inglez e francez no norte da Italia

Portuguezes na guerra



Alferes-aviador, Alvaro de Faria Roby, da illustre casa das Hortas. E' o primeiro aviador bracarense. Fiel ás tradições dos seus é mais um nobre procer d'aquella casa que, como seus irmãos João e Sebastião de Faria Roby, os mallogrados officiaes portuguezes, honra a terra em que nasceu



Os canhões dum cruzador italiano



QUADROS

XXII

A Mademoiselle Mary Ann

SENSABORIA

Nas jornadas da vida, tão pungentes,
Difoso quem encontra a Santa Cruz
E n'ella abraça a angustia de Jesus
Com o ardor dos sublimes penitentes!

Esses deveras são os grandes crentes:
Podem trazer os corpos semi-nus;
Veste-os a Dôr de tão formosa luz,
Que lembram bellos reis resplandecentes!

Assim eu fôra, dama encantadora,
Que avistais, a rezar, o Eterno Dia,
Mais parecendo archanjo que senhora!

Assim eu fôra... eu que na agonia
Resvalo com tristeza esmagadora,
Ao menor golpe da Semsaboria...

José Agostinho.

O Senhor fôra...

O Senhor fôra! O Senhor fôra!
Ajoelham todos a rezar:
Como corrente salvadora,
Vemos o pranto a deslizar...

Meu Deus: quem é que está agora
Os seus peccados a penar?
E entre os soluços de quem chora,
Ouvem-se vozes a cantar...

Lá vae o Cura,—o bom velhinho,—
Tropego já, devagarinho,
Ungir o pobre amargurado,
Ungir o pobre amargurado.

Vamos orar-lhe p'la agonia:
—Um Padre Nosso... Avé-Maria...
Enchei de Gloria o desgraçado!

Março de 1918.

Jayme de Sampayo.

SONETO

A Sua Excellencia Reverendissima o Senhor D. Manuel Mendes
da Conceição Santos, na hora do fallecimento de sua santa Mãe D. Maria
da Coacção Rodrigues Mendes, no hora da sua maior dôr e luto

Conheci a sua alma varonil!
Ah! não esquecerei jámais essa hora
Alma de martyr, linda, como a aurora,
Com o seu falar, manso, que gentil...

Nada me apagará o seu perfil...
—Eu nunca o vi tam vivo, como agora!—
Humilde e erente, forte e ameigadora,
Que nem vivido sol claro de abril.

A doença prostrou-A! A sepultura
Lá lhe guarda o cadaver... e a Tristeza
O coração nos vela de amargura.

Mas chorando—é lei da natureza!—
Nossa Fé no-lá mostra inde mais pura,
Nos puros esplendores da Belleza.

Francisco Sequeira.

OS FAKIRS

Por Eduardo de Noronha.

AS fitas animatographicas teem explorado de maneira intensa o fakir, macho e fema, n'estes ultimos tempos. A verdade historica e a verdade religiosa soffrem n'esses *films* verdadeiros tratos de polé.

O que é e quem é o fakir? Ninguem que tenha passado pela India deixou de estacar um instante ou demorar-se alguns minutos ante as figuras singulares, extravagantes, que surgem a miude nas vastas arterias de Bombaim, na colmeia estonteante e zumbidora que é a formosissima cidade portugueza levada em dote pela princeza Catharina de Bragança a seu marido Carlos II, rei de Inglaterra.

Todos os *viajados* sabem que a palavra *fakir* provém do arabe e significa pobre, termo equivalente a desriche. Na accepção estricta do termo apenas se deve applicar aos mendigos religiosos mahometanos. Essa accepção, porém, ampliou-se e designa certos devotos e ascetas indus, de muitas seitas — mulsumanas, civaistas, vichnuistas. Todos elles aspiram a adquirir a santidade por meio de contemplações e mortificações.

Ha duas classes de fakirs indianos — os das ordens religiosas e os embusteiros nómadas que infestam toda a Peninsula Indutânica. Os das ordens asceticas assemelham-se aos nossos antigos Franciscanos. Uma boa parte leva vida regalada em mosteiros, que são centros de educação e refugio dos pobres. Outros andam por fóra a visitar os necessitados como *gurus* ou mestres. Não são obrigados estricatamente ao celibato. Estas ordens datam de tempos remotissimos e devem a sua fundação a antiga maxima indu, observada pelos budhistas que cada creatura «nascida duas vézes» deve passar nos bosques uma existencia arcelica.

A segunda classe dos fakirs é menos respeitavel. São mendicantes sem escrupulos que vagueiam, sem trabalhar, sem familia, sem asylo, cobrindo-se, e pouco, com alguns andrajos, em redor da cintura. Sob qualquer pretexto religioso, esmolam e praticam toda a casta de superstições. A sua sobriedade excede, em geral, as leis elementares da biologia. Alguns discreteiam sobre assumptos theologicos, recitam poesias e narrram contos. Nem sempre observam um determinado rito. O numero d'estes orça por mais de um milhão. O povo denomina alguns *Jogi* e acredita que dispõem de faculdades maravilhosas obtidas pelas suas praticas de abstinencia e de exaggerada austeridade.

Algumas das torturas que estes miseros

infligem a si proprios chegam a ser inacreditaveis. Erguem os braços acima da cabeça e assim permanecem até que os musculos se atrophiam completamente; crispam e conservam as unhas nas mãos fechadas até que se cravam nas palmas e as furem de lado a lado; deitam-se sobre tabuas ouriçadas de pregos aceradissimos; golpeiam se e trespassam-se fazendo feridas horrorosas; arrastam durante largos prazos e distancias grossas cadeias a que se ligam enormes pedaços de ferro; suspendem-se por cima de fogueiras até receberem queimaduras hediondas, e ainda outros pavores que omittimos. O seu aspecto mette asco pelos vermes que lhe passeiam na pelle sangrenta e pelas pústulas que a cobrem.

Entre os mais immundos sobresaem os Aghoris, que cumprem os ritos cannivalescos dos proselytos de Siva, comem dejectos e bebem agua por um craneo humano. Não ha muitos annos os fakires andavam sempre nús e cobertos de cinzas. As auctoridades britannicas obrigaram-nos a vestir o indispensavel para manter o decoro publico. Uma parcella importante dos nativos não respeita estes frades mendicantes do Oriente, mas reacia os seus processos.

Ha outros, com excepção dos civaitas que conversam com um certo comedimento e não expõem ás massas as torturas abjectas que constituem a especialidade do seu, com frequencia, desbragado charlatanismo.

E' curioso, no entanto, vêr desfilar por certas ruas esses esqueletos ambulantes, cheios de taras repulsivas, com um braço levantado a toda a altura acima do turbante, quando o usam, como um mastro constituido por tres ossos mirrados, apenas seguros por escuras tiras de pergaminho em represas ressequidas. Uma parte dos transeuntes ajoelha constricta á sua passagem e não levanta os olhos; patenteia-lhe as maiores provas de deferencia e de veneração; affasta-se com humilde respeito quando elles se entregam, ao ar livre, ás cerimoniaes do seu culto; oscula-lhe devotadamente os pés cortados de golpes, sempre a sangrar ou entumecidos de crostas por onde vagueiam insectos repulsivos; achega a si os andrajos que mal tapam certas regiões do corpo afim de alcançarem indulgencias ou cura das suas enfermidades.

Estes é que são os fakires da India e não as figuras decorativas, com symbolos na testa e com os punhos fechados encostados á face á guisa de signaes maçonicos, enviados pelos delineadores de *films* norte-americanos ou d'outros paizes.

LIVRARIA CRUZ

BRAGA

Telephone n.º 29

Telegramas:—**CRUZ LIVRARIA**

Casa fundada em 1888

EDITORA das obras do celebre hidroterapeuta *Mgr. Kneipp*.

EDITORA de muitos livros adoptados no ensino *primario, normal secundario, especial e superior*.

EDITORA e proprietária da *Coleção Sciencia e Religião*.

EDITORA de livros de piedade—*Centelhas Eucaristicas, livro de Orações, etc.*

Completo sortido de *Papelaria* objectos de escritório—*Utensilios e modelos para desenho e pintura*—**Agencia de Publicações.**

OFFICINAS

—DE—

Esculptura em Madeira

—E—

PINTURA

Teixeira Fanzeres

RUA DO SOUTO 134—BRAGA

N'estas conhecidas officinas, executam-se com a maxima perfeição, imagens desde a miniatura ao tamanho natural. Esculpturas com magnifica pintura. Tem sempre em deposito um variado sortido de imagens, bem como banquetas, douradas, belas automaticas, jarras, sacras, sanctuarios, crucifixos e outros artigos religiosos. Encarrega-se em todo o paiz de altares, tribunas, decorações em qualquer estylo, e de todos os trabalhos pertencentes a este ramo d'arte.

Perfeição e nitidez em tudo

Preços modicos

Contra riscos e guerra terrestres e maritimos, gréves, tumultos e roubos, segura a *Companhia Luzo-Brazileira de Seguros*

de Seguros

SAGRES

Séde — Lisboa, Largo S. Julião 19-2.º—Tel. C. 2961. Banqueiros: Pinto & Sotomaior. — Agente em Braga, Amares, Povoa de Lanhoso, Terras de Bouro e Vieira

José de Faria Machado

Rua do Souto 105-1.º BRAGA

Luneta de Ouro

Officinas de esculptura, encadernação e concertos de imagens, batinas e vestes sacerdotaes.

Artigos religiosos, imagens, paramentos Harmoniuns, oculos, pincenez, binoculos, cutelaria, optica e artigos de phantasia.

Aurelio Monteiro & C.ª

Rua do Ouvidor, n.º 123

Caixa postal 1583—RIO DE JANEIRO

Telephone 5593, Norte

«Illustração Catholica» vende-se nesta casa, Numero avulso 300 rs. (moeda brazileira)

Escriptorio de Negocios Ecclesiasticos

DO

Padre Villela & Irmão

(Joaquim Pereira Villela)

Este antigo Escriptorio de Negocios Ecclesiasticos e Civis, encarrega-se de todos os negocios dependentes das repartições ecclesiasticas de Braga, Nunciatura Apostolica e de Roma, taes como processos de ordens menores e sacras e seus respectivos Breves, licenças para casamentos com proclamas ou sem elles, dispensas de parentesco em todos os graus, que a Santa Sé costuma conceder, justificações de baptismo, casamento, obito e de estado livre. Breves de redução de legados, sanatorias, em geral quaesquer Breves Apostolicos, e tambem dos negocios dependentes das repartições civis, judiciaes e militares em relação com os negocios ecclesiasticos, o que tudo é tratado com sunma brevidade e maxima economia.

Tem anexas ao mesmo escriptorio uma typographia a vapor, denominada dos Echos do Minho, e officinas de encadernação onde são executados quaesquer trabalhos, com maxima rapidez, perfcção, e economia.

Toda a correspondencia deve ser dirigida para o respectivo escriptorio ao

P.º Villela & Irmão

83—RUA DOS MARTYRES DA REPUBLICA—91

(Antiga Rua da Rainha)

BRAGA